

# INTRODUÇÃO

2016

**A** GUARDEI AO LONGO DE BOA PARTE DO ANO O SINAL VERDE para o que seria, potencialmente, um dos papéis mais exigentes que alguma vez me fora proposto. Inscrevi-me em aulas de equitação, dediquei muitas horas ao curso de espanhol de Michel Thomas, deixei crescer barba e bigode, e até um nariz especial foi produzido especificamente para mim. Tudo para poder assumir o papel principal na última tentativa de Terry Gilliam para realizar o filme a que a sua vida o conduzia, *O Homem que Matou Dom Quixote*. Por diversas razões, porém, as filmagens foram repetidamente adiadas. Inicialmente marcadas para Julho, foram empurradas para Outubro, acabando por não ter lugar em nenhuma das datas. Enquanto problemas contratuais lançavam a confusão e impediam quaisquer progressos, as minhas explicações para o bigode e a barba tornavam-se cada vez menos convincentes, o mesmo acontecendo às razões que invocava para declinar outras propostas.

Com o passar do tempo, acabou por se me impor enfrentar a situação e, num início de manhã de Outono, cheio de tristeza e pesar, sentei-me a escrever ao Terry um e-mail de renúncia, após o que respirei fundo e premi o botão de «ENVIAR».

Ainda o e-mail seguia quando outro me chegou à caixa de correio. Vinha de um certo Dan Grabiner, da ITN Productions, e o assunto era: «Hoje tenho uma coisa invulgar para si». Estou muito habituado ao invulgar, mas isto era especialmente fora do comum. Um convite para apresentar uma série para a ITN e o Channel 5, a ter lugar na Coreia do Norte.

A minha filosofia de viagem, se assim a posso designar, é a de que, quanto mais difícil é chegar a um sítio, maior será o prémio conseguido. Mas, quando o prémio era a Coreia de Norte, descobri que essa perspectiva não era partilhada pela minha mulher, nem tão pouco por um número surpreendente de amigos meus. Para muitos deles, este era um passo demasiado grande. Uma coisa eram os factores desconhecidos conhecidos, outra, totalmente diferente, os desconhecidos desconhecidos.

Não que alguém possa afirmar que a Coreia do Norte é um total desconhecido. Têm sido escritos livros sobre o país, e relatos de dissidentes passam habitualmente na rádio e na televisão. Infelizmente, quase todos esses relatos referem um estado cruel, ímpio, secretista, cujo povo vive oprimido e na pobreza sob o jugo de uma ditadura implacável que se perpetua no poder. Coisa difícil de vender aos cépticos.

Na altura em que a ITN Productions me contactou, Kim Jon Un, o actual ditador, jovem e conhecido pelos seus penteados excêntricos, ocupava o poder há cinco anos, no seguimento da morte do seu pai, Kim Jon Il, que em 1994 herdara, ele próprio, as rédeas do poder do *seu* pai Kim Il Sung, fundador da RPDC – a República Popular Democrática da Coreia.

Os norte-coreanos tinham poucos amigos no mundo. Os russos haviam-nos ajudado durante algum tempo, mas, após o colapso do comunismo em 1991, recuaram, deixando os chineses no papel de relutantes financiadores do regime. Outros países encararam-nos com suspeitas crescentes quando, apesar dos seus recursos limitados, os norte-coreanos subiram a parada implementando a chamada Songun, uma doutrina política que colocava os militares no centro da existência do país. Isso conduziu à realização de testes de engenhos nucleares e à construção de mísseis balísticos intercontinentais de dimensões cada vez maiores. As tentativas de reconciliação com o Ocidente falharam sistematicamente, assegurando ao regime da Coreia do Norte um lugar confortavelmente entrincheirado no Eixo do Mal do presidente George W. Bush.

Não obstante a sua imagem internacional declaradamente pouco promissora, deixei-me guiar por uma curiosidade instintiva e respondi à ITN afirmativamente, estava interessado e gostaria de saber mais.

Após algumas reuniões preparatórias, o ímpeto atenuou-se. A situação internacional piorou e a ideia de um

*travelogue* na Coreia do Norte parecia cada vez menos provável. A acrescentar a isso, a minha mulher ia ser operada ao joelho e eu precisava de estar em casa para a ajudar na sua recuperação. Decidi, por isso, limitar-me a outro projecto, que me manteria mais perto de casa: dar gás ao meu entusiasmo recente pela extraordinária história de vida de um navio designado HMS *Erebus*, transformando-o num livro.

Parecia ser a melhor decisão. As notícias vindas da República Popular Democrática passavam de más a horríveis. Kim Jon Un ameaçava o mundo, gabando-se de que o seu país acumulara sessenta armas nucleares e um arsenal de mísseis para as transportar. A reacção imediata do recém-eleito presidente americano, Donald J. Trump, foi tudo menos encorajadora. Chamando ao líder norte-coreano «louco», garantiu que a Coreia do Norte «teria uma resposta de fogo e fúria como o mundo nunca viu». «O Homem-Foguetão está numa missão-suicida», zombou Trump. Kim Jon Un retaliou, apodando Trump de «velho decrépito com perturbações mentais».

A probabilidade de algum dia poder filmar no Reino Eremita diminuía a cada novo insulto. A minha mulher sentiu-se aliviada, e eu reconciliei-me com a sina de não visitar aquele que seria o meu nonagésimo-oitavo país.

A ITN e o Channel 5, porém, não tinham desistido. Ao longo dos vários meses de beligerância e insultos, os seus responsáveis tinham-se mantido em ligação com o seu

contacto principal no país, um operador turístico inglês de nome Nick Bonner, um homem que organizava viagens à RPDC há vinte e cinco anos e conhecia intimamente o país.

No início de 2018, Bonner assinalou indícios mais promissores vindos da Coreia do Norte. No seu discurso de Ano Novo, Kim Jon Un, ao mesmo tempo que advertia que a «totalidade do território dos EUA está sob o alcance das nossas armas nucleares», lançara um ramo de oliveira sem precedentes ao Presidente da Coreia do Sul e, implicitamente, a todo o mundo. Enquanto eu lidava com o desaparecimento do HMS *Erebus* nos gelos do Ártico, parecia registar-se um degelo numa zona muito diferente do mundo.

A RPDC, durante tanto tempo retratada como o desmancha-prazeres secretista da política internacional, entregava-se ao que noutros tempos se chamava uma «ofensiva de charme». Não só enviava uma equipa aos Jogos Olímpicos de Inverno da Coreia do Sul, como, numa jogada estranhíssima, decidia igualmente enviar Kim Yo Jong, a fotogénica irmã de Kim Jon Un, para posar por detrás do robótico Vice-Presidente dos EUA, Mike Pence, nessas Olimpíadas, demonstrando, de uma penada, que os desmancha-prazeres se encontravam em Washington e não em Pyongyang.

De forma quase inacreditável, a um mês dos Jogos Olímpicos, a Casa Branca anunciou a possibilidade de um encontro entre o Líder Supremo e o Presidente Americano. Algumas semanas depois, Kim Jon Un saiu da Coreia do Norte,

## DIÁRIO DA COREIA DO NORTE

pela primeira vez desde a sua chegada ao poder em 2011, viajando de comboio até Pequim para se encontrar com o presidente chinês.

Ateadas pela brisa tépida da reaproximação, as expectativas renasciam. Foi montado um gabinete de produção. Caíam-me na caixa de correio livros e livros sobre a Coreia do Norte. Apesar de eu ainda estar a trabalhar a tempo inteiro no *Erebus*, fui convencido a encontrar-me com um potencial realizador, Neil Ferguson – cuja descrição dos



preparativos das pré-filmagens pode ser encontrada no posfácio do Diário. Tivemos de tomar todas as precauções. O projecto encontrava-se de tal modo no fio da navalha que qualquer publicidade precoce poderia aniquilá-lo. De forma adequadamente clandestina, à maneira de John le Carré, encontrávamo-nos em mesas dos fundos de *pubs* e cafés, referindo-nos sempre à Coreia do Norte como North Croydon.

Tive então um golpe de sorte, um hiato de três semanas no meu calendário de produção do *Erebus*, enquanto o meu editor passava a pente fino o exemplar acabado. Subitamente, numa azáfama quase obscena, fazia as malas para o voo até Pequim, assegurando à minha mulher que Kim Jon Un era essencialmente tão perigoso como o Pai Natal, e tudo correria bem, agora que a Coreia do Norte procurava amigos, e não inimigos. Nos poucos momentos sossegados antes da partida, sabia que não acreditava em nada disso, e que a única coisa que a História nos ensinava era que a relação entre a Coreia do Norte e o resto do mundo podia alterar-se de um instante para o outro. Esta viagem seria totalmente diferente de qualquer outra que jamais tivesse feito.



2018

FUI ADVERTIDO DE QUE, POR OS NORTE-COREANOS SEREM paranóicos relativamente à entrada de informação no seu país, não poderia levar comigo para a RPDC as ferramentas essenciais de todos os viajantes — mapas, guias de viagem, aconselhamento *online*. Como esperávamos poder filmar por todo o país, em cidades, vilas e campos, esta era uma restrição tremendamente incómoda. A par do nervosismo decorrente de sermos vistos com uma câmara de filmar ou um gravador, as minhas opções para registar esta viagem única-na-vida confinavam-se a um pequeno bloco de notas azul, escolhido com o objectivo de ser o mais discreto possível.

As autoridades revelaram-se bastante tolerantes para com a câmara do meu *iPhone*, e, na privacidade de diversos quartos de hotel (embora a privacidade nos deixasse sempre cépticos), pude acrescentar material suplementar